

Fadiga, dificuldade para se exercitar, falta de ar e tosse estão entre as sequelas constatadas em estudo americano

Covid longa acomete 25% das crianças

» ALICE GROTH*

As sequelas da covid-19 não atingem só adultos. O público infantil também pode apresentar complicações depois da infecção pelo Sars-CoV-2. E os casos não são raros. Um novo estudo liderado pelo Hospital Infantil de Boston, nos Estados Unidos, e publicado, nesta semana, na revista *Pediatrics* mostra que mais de 25% das crianças norte-americanas hospitalizadas em função da infecção pelo novo coronavírus apresentaram problemas de saúde de dois a quatro meses depois da internação.

O estudo de acompanhamento envolveu 279 crianças e adolescentes, com até 21 anos, atendidos em 25 hospitais pediátricos dos Estados Unidos em função da covid-19 ou da síndrome inflamatória multissistêmica em crianças (MIS-C), uma complicação associada à infecção pelo Sars-CoV-2. O período analisado no estudo — entre maio de 2020 e maio de 2021, transcorreu antes que as vacinas contra o coronavírus estivessem disponíveis para essa faixa etária.

Entre os hospitalizados, 40% tinham covid-19 aguda e 60%, MIS-C. A porcentagem de internados na unidade de terapia intensiva (UTI) foi, respectivamente, de 56% e 86%. Adrienne Randolph, professora de pediatria em Harvard e médica na unidade de terapia intensiva (UTI) pediátrica do Hospital Infantil de Boston, conta que a maioria das crianças observadas que desenvolveram MIS-C era previamente saudável, e as que desenvolveram covid-19 grave já tinham complicações de saúde, principalmente respiratórias. “Ambas as doenças podem desenvolver risco à vida de crianças e adolescentes e ocasionar sequelas”, destaca a também líder do estudo.

No monitoramento de dois a quatro meses, 27% dos

CESAR VON BANCELS



Os sintomas são observados de dois a quatro meses depois de as crianças serem tratadas, em um hospital, da infecção pelo novo coronavírus

pacientes com covid aguda e 30% daqueles com MIS-C apresentaram sintomas persistentes. Após a hospitalização por covid-19, os jovens manifestaram com mais frequência sintomas respiratórios, como tosse (9,2%), falta de ar (9,2%) e fadiga (11,3%), e estavam, em geral, mais sonolentos do que antes da doença. Em pacientes que foram hospitalizados com MIS-C, os sintomas mais comuns foram tosse contínua (2,5%) e falta de ar (2,5%), principalmente naqueles que tinham diagnóstico de asma antes de adoecer. Os acometidos pela síndrome também apresentaram impasses para realizar atividades rotineiras, especialmente aqueles que eram obesos.

O comprometimento da disposição física foi um pouco mais comum após o MIS-C (afetando 21,3% das crianças) do que após a covid-19 aguda (14,3%).

Segundo relatos dos cuidadores entrevistados: 6,7% do grupo com covid-19 e 14,4% do grupo com MIS-C não podiam andar ou se exercitar tanto quanto antes; 6,7% e 7,5%, respectivamente, estavam dormindo muito mais do que o habitual; e 4,2% e 3,8%, respectivamente, tiveram dificuldade em fazer os trabalhos escolares ou se sentiram distraídos e incapazes de se concentrar.

De acordo com Eitan Berezin, infectologista pediátrico e membro do Departamento Científico de Imunizações da Sociedade Brasileira de Pediatria, a MIS-C é associada à covid e pode ser vista como um fenômeno posterior à infecção pelo coronavírus. A síndrome inflamatória manifesta sintomas que lembram a doença de Kawasaki, uma enfermidade rara que provoca inflamação nas paredes dos vasos sanguíneos de crianças pequenas. “Ela apresenta um quadro de gravidade e,

comumente, é descoberta meses depois da infecção pelo coronavírus”, afirma Berezin. Os sintomas mais comuns são febre alta e persistente, inchaço pelo corpo, dores abdominais e diarreia.

Vacinação

Esse fenômeno de não recuperação total dos pacientes depois da infecção pelo Sars-CoV-2 é chamado de covid longa. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 10% a 20% das pessoas que tiveram a doença sofrem com esses sintomas após se recuperarem da fase aguda. Eles surgem em até três meses após a contaminação, duram pelo menos dois meses e não podem ser explicados por um diagnóstico alternativo. Berezin explica que essas complicações são melhor descritas em adultos: “Só agora que começamos a ver estudos na área pediátrica”.

A vacinação contra o coronavírus é essencial para prevenir casos mais graves de covid e MIS-C, como os observados no estudo, reitera Randolph. “É importante prevenir essas doenças com a vacinação, mesmo que crianças e adolescentes tenham, em geral, menos risco de desenvolver um quadro grave do que os adultos mais velhos”. Questionada sobre as pesquisas futuras do grupo que lidera, a pediatra informou que uma investigação está em andamento sobre como o desenvolvimento de MIS-C e covid-19 aguda em crianças afeta as funções neurológicas e a qualidade de vida. “Também estamos pesquisando sobre a eficácia das vacinas disponíveis para crianças e adolescentes contra as novas variantes do Sars-CoV-2”, adianta.

* Estagiária sob a supervisão de Carmen Souza

Variola do macaco terá novo nome

O nome da doença até agora chamada variola do macaco vai mudar, anunciou a Organização Mundial da Saúde (OMS). Um grupo de especialistas convocados pelo órgão concordou em utilizar algarismos romanos para classificar as cepas do vírus que causa a enfermidade e, assim, “evitar ofender qualquer grupo cultural, social, nacional, regional, profissional ou étnico e minimizar qualquer impacto negativo no comércio, viagens, turismo ou bem-estar animal”.

O vírus foi nomeado após a primeira descoberta em 1958, antes que as práticas atuais na nomeação de doenças e patógenos fossem adotadas. Agora, a OMS abriu uma consulta para reclassificar a doença. Qualquer pessoa pode fazer sugestões no site <https://ltdc.who.int/dev11>.

A OMS afirmou que especialistas discutiram as características e a evolução das cepas, suas aparentes diferenças filogenéticas e clínicas e possíveis consequências para a saúde pública e futuras pesquisas. “O grupo chegou a um consenso sobre uma nova nomenclatura para os clados de vírus que está de acordo com as melhores práticas. Eles concordaram em como deveriam ser registrados e classificados em sites de repositórios de sequências genômicas”.

A nomenclatura consistirá em um numeral romano para o clado e um caractere alfanumérico minúsculo para os subclados e será proposta pelos cientistas à medida que o surto evoluir. Os especialistas serão convocados novamente conforme necessário.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

» Segunda-feira, 8

ZUMBIDO NO OUVIDO AFETA 740 MILHÕES

Estudo divulgado na publicação científica *Jama Neurology* mostra que o zumbido no ouvido atinge mais de 740 milhões de pessoas em todo o mundo, o equivalente a 14,4% da população global. Pelo menos 120 milhões, a maioria com 65 anos ou mais, apresentam a forma grave do problema, que, nesse caso, deixa de ser um incômodo e pode levar até à perda auditiva. O trabalho — uma revisão de mais de 100 artigos feitos sobre o tema entre 1972 e o ano passado — foi realizado por pesquisadores do Instituto de Recherche Farmacologique Mario Negri, da cidade italiana de Milão. “Esse estudo sugere que a carga global do zumbido é grande, semelhante à enxaqueca e dor, e a falta de opções de tratamento eficazes justifica um grande investimento em pesquisas nessa área”, assinalam os pesquisadores.

» Quarta-feira, 10

VAGA-LUMES PREFEREM O ESCURO PARA ACASALAR

Vaga-lumes gostam de brilhar à noite e emitem luz (uma reação química no abdômen) para encontrar um parceiro, mas têm dificuldade em acasalar quando a claridade artificial é muito forte. É o que mostra um estudo da Universidade Tufts (EUA), publicado na revista científica *Royal Society Open Science*, que alerta para os efeitos da poluição luminosa em alguns insetos. O impacto das lâmpadas no comportamento de muitos animais noturnos já foi comprovado — um exemplo é a mariposa noturna, que confunde a luz elétrica com a Lua e acaba morrendo de exaustão. Porém é difícil prever o impacto da luz artificial cada vez mais invasiva à noite — sua intensidade quase dobrou nos últimos 25 anos — em animais acostumados à escuridão por milênios. Os cientistas de Tufts mediram diretamente os efeitos da luz artificial à noite no acasalamento dos vaga-lumes, no caso, os da família Photinus, muito presentes na América do Norte.

PHILIP FONG



» Quinta-feira, 11

FLORESTAS DO HEMISFÉRIO NORTE SOB AMEAÇA

Uma mudança moderada na temperatura e precipitação pode prejudicar as florestas do Hemisfério Norte, a rica biodiversidade que abrigam e sua capacidade de armazenar carbono, segundo as conclusões de um estudo publicado na revista *Nature*. As florestas boreais, que cobrem grandes áreas da Rússia, Atlasca e Canadá, são importantes sumidouros de carbono, mas estão ameaçadas por incêndios cada vez mais frequentes e espécies invasoras favorecidas pelo aquecimento global. Para descobrir como temperaturas mais altas e menos chuva podem afetar as espécies mais comuns nessas florestas, os pesquisadores realizaram um experimento de cinco anos. De 2012 a 2016, eles cultivaram 4,6 mil espécimes de nove espécies de árvores, incluindo abetos e pinheiros, no nordeste de Minnesota, nos Estados Unidos. Mesmo a 1,6°C, o crescimento das árvores foi prejudicado pelo aumento da mortalidade e redução do desenvolvimento. O aquecimento, sozinho ou combinado com menos chuva, aumentou a mortalidade de árvores jovens entre as nove variedades estudadas.

» Terça-feira, 9

ÁGUAS NADA PROTEGIDAS

Tubarões, arraias e mantas estão muito mais vulneráveis, e são capturadas com maior frequência, em áreas ditas protegidas do Mar Mediterrâneo do que nas águas sem segurança, segundo um estudo do Centro Marinho da Sicília. Os pesquisadores constataram que os pequenos barcos que se aventuram nas águas semiprotetidas, onde a pesca não é totalmente proibida, pegaram até 24 espécies diferentes dos três espécies de peixes da ordem dos elasmobrânquios. A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) calcula que um terço dos elasmobrânquios estão em risco de extinção. Embora muitas vezes sejam vítimas colaterais da pesca em grande escala, as barbatanas e a carne desses animais também são valorizadas, provocando uma diminuição de 71% da sua presença nos oceanos desde 1970. A equipe de cientistas analisou as capturas de 1.200 operações de pesca em 11 locais diferentes, localizadas nas águas da França, Itália, Espanha, Croácia, Eslovênia e Grécia.

AFP



O PLANETA ARDEU EM JULHO

Monitoramento da Organização Meteorológica Mundial (OMM), agência especializada das Nações Unidas com sede em Genebra, dá a dimensão do quanto as temperaturas estavam elevadas no mês passado. “O mundo acaba de ter um dos três meses de julho mais quentes já registrados. Também, como todos sabemos, uma onda de calor muito prolongada e intensa afetou várias partes da Europa”, disse a porta-voz da OMM, Clare Nullis. Em nota, a agência explica, citando dados dos Serviços Copernicus sobre a mudança climática, que o último mês foi um pouco mais frio que julho de 2019, mas um pouco mais quente que julho de 2016. “A diferença é realmente muito pequena”, disse Nullis. Em geral, a temperatura registrada no último mês superou a registrada no mês de julho durante o período de referência 1991-2020 em 0,4°C. Isso, apesar da presença do fenômeno natural La Niña, que, segundo a OMM, “supõe-se que tenha um efeito refrescante”.